



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

**CULTURA**

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

**AS MULHERES NA CULTURA E NA SALVAGUARDA  
DO PATRIMÓNIO IMATERIAL DA REGIÃO CENTRO**

**Etnografia**

**Ana Rita Leitão**



Ana Rita Leitão, arquivista de formação e profissão, com gosto especial pela produção cultural de cariz tradicional, bem como por estudos antropológicos e artísticos relacionados com as comunidades e identidade local. É desde 2019 presidente da Associação Folclórica da Região de Leiria - Alta Estremadura onde coordena todas as suas atividades de promoção e divulgação do património cultural de origem tradicional e popular desta região. Nestas se inclui o projeto "Baile dos

Pastorinhos", ligado à Rede Cultura 2027 - um projeto de educação cultural, pela salvaguarda ativa da dança tradicional e popular (na promoção e estudo das danças tradicionais da Alta Estremadura), ancorada na relação e experiência intensiva com a comunidade local, vocacionado para o público infantojuvenil em idade escolar.

Com ação no movimento folclórico desde a década de 90, de 2009 a 2019 pertenceu aos corpos sociais da Federação do Folclore Português como vice-presidente, integrou a Direção Geral, o Conselho Técnico Nacional e coordenou o Gabinete da Juventude. Tem colaborado com associações de defesa do património na inventariação, salvaguarda e promoção do património material e imaterial do território regional. Profissional dedicada, dinâmica e organizada, é reconhecido o seu gosto pelo trabalho em equipa sendo vincada a sua proatividade e o foco na ação por objetivos, gestão de projetos e implementação de novos desafios no âmbito das artes e cultura. Licenciada em Línguas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o Curso de Especialização em Ciências Documentais, é também Mestre em Política Cultural Autárquica pela mesma instituição.

**Gilda Carminda Simões Silva**



Com formação de base em Serviço Social, Gilda Silva desenvolve a sua atividade profissional na Câmara Municipal da Lousã, mas, paralelamente, tem colaborado voluntariamente, em diversas associações locais, com especial enfoque na Associação Viva a Escola da Lousã, Clube Académico das Gândaras e na Associação Recreativa e Cultural das Gândaras, onde participou/a enquanto elemento dos órgãos diretivos.

Em 1999, integrou uma equipa multidisciplinar de trabalho comunitário em diversas freguesias do Concelho da Lousã sendo responsável pela dinamização das temáticas, de artesanato e gastronomia, promovendo a participação ativa do grupo, reforçando os seus valores e conhecimentos numa perspetiva de desenvolvimento local e de reforço da sua identidade cultural. Após a conclusão do projeto, de forma voluntária, continuou a dinamizar as atividades culturais na Freguesia das Gândaras, impulsionando a criação do “Grupo de Cantares das Gândaras” constituído inicialmente por mulheres agricultoras, sendo o ponto de partida para toda dinamização cultural na freguesia.

É responsável pela dinamização de atividades do âmbito do Plano Municipal Sénior, tem participado na recolha da cultura local que resultou na publicação do livro “Sentires” pela Câmara Municipal da Lousã, que contem alguns poemas e artesanato feito por idosos. A sua intervenção tem sido de extrema importância, na medida em que veio contribuir para o desenvolvimento/envolvimento da comunidade, com especial enfoque na área social, cultural e recreativa, nomeadamente na salvaguarda e valorização do património imaterial da freguesia e do concelho.

### Grupo de Cantares de Candal



O Grupo de Cantares de Candal é um grupo informal da aldeia do Candal (São Pedro do Sul) constituído por cerca de 9 mulheres com mais de 60 anos que cantam a três vozes reais: "encher", "descante" e "botar por cima". As origens deste grupo estão ligadas ao Rancho Folclórico de Candal, cuja atividade teve início em 1967. Embora o repertório polifónico não fizesse parte do acervo do rancho, pontualmente, nos intervalos das atuações, as senhoras reuniam-se e "botavam um canto". Com a interrupção da atividade do rancho a 8 de setembro de 2007 devido à forte emigração sentida na localidade, este canto a vozes passou a constituir-se como a mais forte representação externa do folclore local. A atividade do Grupo de Cantares de Candal desenvolveu-se de modo regular a partir de 2010, sendo convidado para atuar em eventos como festas religiosas, festivais e outro tipo de eventos em São Pedro do Sul e nos concelhos próximos.

A representante do grupo é Ana Martins, uma das cantadeiras que, não sendo propriamente a ensaiadora ou diretora artística – figura inexistente neste grupo, já que todos os seus elementos sabem como "colocar a sua voz" em cada canto – tem a função de organizar as saídas e comunicar com todos os seus elementos. Embora não tenham qualquer formação musical, a este canto está associada uma dinâmica natural na qual cada senhora conhece o seu papel e tal como acontece nos fenómenos da oralidade, algumas modas foram sendo transformadas ou criadas por estas. Prova disso é a moda "Adeus, ó Minas do Aido" cuja letra foi escrita por uma das senhoras do grupo, Marcolina da Silva.



### Grupo de Cantares de Figueiredo Alva



Em Figueiredo de Alva (São Pedro do Sul), desde tempos imemoriais sempre existiram grupos de cantares à capela, que se organizavam espontaneamente entre homens e mulheres, normalmente em tempos de trabalho, como as desfolhadas, a tascadela do linho, e ceifas, e principalmente em tempo de quaresma para o “Ementar as Almas”, uma tradição muito presente na localidade. Após a fundação do Rancho Folclórico de Figueiredo de Alva em 1986, os cantares começaram a exercer mais a sua atividade como um grupo de cantares a vozes e com instrumentos musicais. Desde então, a sua atividade tornou-se mais organizada e constante, mas sempre com a mesma matriz e espontaneidade. Hoje em dia, o grupo de cantares é composto por aproximadamente 20 pessoas. É um dos grupos fundadores da Associação de Canto a Vozes – Fala de Mulheres, na qual participa com o seu grupo de cantadeiras. As cantigas são recolhidas na aldeia junto das pessoas mais idosas. Cada cantiga é alusiva a uma época e a cada trabalho agrícola, ou até mesmo aos caminhos e romarias a pé.



### Grupo de Cantares da Gravia



Este grupo de cantares, designado como Cantares da Gravia (São Pedro do Sul), é absolutamente informal. Não tem número de elementos fixo e não tem vozes fixas atribuídas, uma vez que se rege e organiza com quem está presente. No entanto, a grande maioria dos que se juntam em momentos especiais para fazer um cantarolo (no Natal, na Páscoa, na Feira, na Senhora dos Remédios), fez parte do Grupo de Danças e Cantares da Serra da Gravia, fundado em 1981 e que se encontra inativo há alguns anos. Certamente vem daí o gosto pela recolha dos cantares tradicionais, o prazer de cantar em grupo, de mostrar os costumes locais, assim como dar a conhecer o modo de cantar a três vozes – o *grosso*, o de *fora* ou *descante* e o *acima*.

Com as condicionantes apontadas, é possível indicar os nomes de alguns dos elementos presentes:

Iolanda Gonçalves e Cidália Santos – de fora ou descante

Otília Duarte – acima

Sara Rodrigues, Otília Loureiro, Fernanda Matos, Maria Duarte, Noémia Gonçalves, Maria do Aido Paredes, Evangelina Palma, Isabel Gomes, Ilda Beato, Aurora Loureiro, José Rodrigues – grosso.

Hoje em dia, o grupo entoia cantigas que eram interpretadas durante os trabalhos agrícolas, as romarias, os momentos de oração, de mal dizer, entre outros.

Cantigas tradicionais: Moda da ceifa, Moda da sacha, O Papagaio, A Lindinha, Macieira do Adro, Cartinha de amores, Ao passar do ribeirinho, Antoninho da Portela, Vai-te embora

António, Ó Delaide, ó Delaidinha, Lá vem o luar, Canário, O loureiro, Senhora das Dores, Aleluia, Outro Aleluia, Ave Maria, Reza do terço, Nossa Sr<sup>a</sup> da Guia, Ai se fores ao S. João, A Rainha D<sup>a</sup> Amélia".

### Grupo de Cantares de Pindelo dos Milagres



O Grupo de Cantares de Pindelo dos Milagres (São Pedro do Sul) foi criado em dezembro de 1991 com o objetivo de recolher, preservar e divulgar as cantigas, as tradições e a forma de ser do povo, que cantava sem cessar enquanto trabalhava a terra. Mas aos poucos, Pindelo deixou de cantar, porque a sua voz foi abafada pelo barulho das máquinas que substituíram a mão de obra. É então que nasce o Grupo de Cantares para trazer de volta a alma e a vida às gentes da terra. Tem um vasto reportório que engloba cantigas de trabalho, de romaria e de carisma religioso. Do grupo fazem parte mulheres, que desempenham os seus trabalhos profissionais, como professoras, enfermeiras, domésticas ou agricultoras, mas que têm gosto em conhecer as tradições locais e regionais e querem fazê-las perpetuar no tempo. Ao som das suas vozes, mostram os “lenços chineses” das mães e avós, os xailles de fita domingueiros, com saias compridas, blusas às riscas e tamancos nos pés. Os cordões de ouro são herança das suas mães, assim como os brincos, que lhes torna o rosto ainda mais belo.

Representam as mulheres de trabalho, mas sobretudo a alegria da vida de outrora no campo, na igreja ou na romaria.

### Grupo de Cantares de Sobral



O Grupo recreativo Cultural e Social de Cantares do Sobral (São Pedro do Sul) foi fundado a 25 de setembro de 2002 por iniciativa de um grupo de pessoas empenhadas em não deixar perder as tradições e cultura da sua terra. Tem como objetivo principal promover a cultura e valores rurais, recuperar tradições, tais como a cultura do linho, canto de janeiras e amentar das almas. Organiza várias atividades ao longo do ano, nomeadamente Festival de Cantares, magusto, festa das colheitas, amentar das almas e encontro de janeiras. Tem representado a região de Lafões em diversos programas televisivos e em Espanha onde demonstrou como se trabalha o linho. Tem dois CD gravados e um DVD sobre o ciclo do pão, onde apresenta as várias fases do pão desde a debulha do milho até ao cozer no forno. Participou no programa “O Povo Que Ainda Canta” e faz parte das filmagens feitas por Tiago Pereira para o filme “5 Entradas”, ambos para a RTP2.

É um dos grupos fundadores da Associação de Canto a Vozes – Fala de Mulheres.

## Isabel Silvestre



Professora do Ensino Primário, fundou em 1978 o Grupo Cantares e Trajes de Manhouce. Seria, contudo, em 1992, através da sua participação na música dos GNR, Pronúncia do Norte, que se daria a conhecer ao grande público. Ao lado de nomes como Sérgio Godinho, Mão Morta, Madredeus, Delfins participou no disco de homenagem a António Variações.

O seu primeiro álbum a solo foi produzido por João Gil e composto de várias canções populares cujas raízes remontam aos locais onde cresceu. As suas músicas são pautadas da mesma simplicidade, naturalidade e força expressiva, sugerida pela cantora. O guitarrista Mário

Delgado, que coproduziu este disco, teve na realização do disco uma influência notável. O trabalho de Isabel Silvestre parte da ideia de registar o canto de Manhouce e das terras da sua infância. Em Eu, na faixa Senhora da Saúde, a participação de Rão Kyao, dá voz a uma nova aposta no retrato para as gerações futuras da herança tradicional da região viseense.

Em 10 de Junho de 2005 foi agraciada com a Ordem do Infante.

Mas Isabel Silvestre não se esgota nas cantigas. Em termos práticos, procurou desenvolver socialmente a sua freguesia. Candidatou-se e foi eleita Presidente da Junta como independente. Lançou uma unidade de turismo de habitação, exemplar na recuperação da arquitetura rural. É autora de Cancioneiro Popular de Manhouce e de um livro de culinária, Doçuras.

Com a obra Memória de um Povo procura relevar falas, realidades, contos de um povo que reage sempre à desventura e que em cada crepúsculo vê sempre uma nova madrugada, como gosta de lembrar.



### **Maria de Fátima Torrado Milheiro**



Nasce em 10 de Dezembro de 1944 e reside em S. Miguel de Acha, no concelho de Idanha-a-Nova. Ainda na escola primária participou em todas as récitas escolares e mais tarde, já adolescente, participou nos teatros promovidos então pela paróquia, arte que depois transmitiu aos mais jovens para o que criou um grupo de teatro. Assídua frequentadora da biblioteca móvel da Gulbenkian, foi ampliando os seus horizontes culturais. Enquanto adolescente participou nas tarefas agrícolas com mulheres mais idosas, guardando na memória uma infinidade de cantigas populares,

romanças, rezas e lengalengas.

Em 1994 foi cofundadora do Grupo de Danças e Cantares Tradicionais de S. Miguel de Acha, onde, para além de ensinar as modas que tinha na memória e outras que, entretanto, foi recolhendo junto das pessoas mais idosas, acompanhada do filho que as gravava. Em simultâneo, no mesmo ano, recuperou os cantos tradicionais da religiosidade popular as “Encomendação das Almas” e “Martírios do Senhor” que se tinham perdido.

Estes dois cânticos da religiosidade popular foram recolhidos por Lopes Graça que os transpôs para pautas e publicou em livro.

Através do Grupo de Cantares Tradicionais da ADEPAC de S. Miguel de Acha, no qual é a principal solista, vai continuando a divulgar a música tradicional de S, Miguel de Acha por todo o país.

Aos 76 anos continua ativamente a estudar e a recolher os costumes e tradições de S. Miguel de Acha, tendo pronto para publicação uma importante recolha de centenas de quadras, cantigas, rimanças, rezas e lengalengas.

### **Maria Fernanda de Almeida Emídio Pimentel**



Maria Fernanda de Almeida Emídio Pimentel nasceu em 1937, em Penacova.

Estudos em Coimbra e em Aveiro.

Foi Vereadora da Cultura na Câmara Municipal de Penacova nas primeiras eleições autárquicas e desde logo se interessou pela preservação e divulgação das tradições da sua terra. Foi grande impulsionadora da criação do Rancho Folclórico de Penacova, ajudando a recolher usos, costumes, tradições, danças, cantares e trajas dos finais do século XIX, o que viria a resultar na federação do Rancho.

### **Maria da Graça Moniz da Silva Ferreira**



Nasceu em Vila Nova de Poiares. Foi professora em diversas localidades com destaque para o seu percurso profissional e social no concelho de Arganil onde desempenhou diversas funções autárquicas e associativas. Foi membro da Assembleia de Freguesia, da Assembleia Municipal e vereadora da Câmara Municipal de Arganil. Foi presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação, da então, escola secundária de Arganil; Secretária da Casa do Povo de Arganil; elemento do

Rancho Juvenil da Casa do Povo de Arganil; Secretária e elemento ativo da Tuna Popular de Arganil; atualmente é presidente do Lions Clube de Arganil e do Grupo Folclórico da Região de Arganil. Como membro do Grupo Folclórico da Região de Arganil, defende a divulgação da cultura popular desta região, ao nível dos usos e costumes. Com outros elementos do Grupo tem vindo a recolher os hábitos populares e tradicionais do início do século XX, relacionados com a religiosidade, a vida familiar, as festividades, a gastronomia, as atividades de lazer, as crenças, os trabalhos agrícolas e outros que constituíam a subsistência da comunidade. Procura dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela fundadora do Grupo e representar etnograficamente, o mais fielmente possível, os usos e costumes da região serrana onde Arganil se insere.

### Maria José de Azevedo Ferreira



Nasce em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, arquipélago dos Açores a 19 de março de 1955. Vive e trabalha desde aos anos 70 em Vila Nova de Paiva, distrito de Viseu.

Jovem de espírito livre, na ilha das décadas de sessenta e setenta do Séc. XX, não sucumbia à mágoa na sociedade dividida, fechada e preconceituosa, muito antes da abertura e a revolução dos costumes

que chegaria com a liberdade em 25 de abril de 1974. Na procura da sua integração na Beira Alta, com a espreita da democracia, mas com o temor de anos de ditadura, tomou nas mãos a tarefa de ir à procura e consequente divulgação da riqueza do Património Cultural deste Concelho. Das suas Gentes, Usos e Costumes, da terminologia regionalista deste Alto Paiva do Mestre Aquilino Ribeiro. Foi fundadora do Grupo Cénico e Folclórico de Vila Cova à Coelheira; e esteve no processo de adesão do Grupo Folclórico Cultural e Recreativo de Vila Nova de Paiva na Federação Portuguesa de Folclore, 2004/2005, tendo sido Diretora Técnica entre 1997 a 2005.

“Sempre senti necessidade de usar as palavras para descrever o que via, o que sentia, os meus estados de alma... o que as coisas despertavam em mim. Antes do blogue e dos computadores, tinha e tenho manuscritos, diria que centenas de poemas, arrumados em caixas e pastas. Passei a estar atenta a concursos literários... continuei a escrever e fui concorrendo. Na modalidade de poesia, prosa poética e conto, na procura desta tão singular forma de estar e perceber a essência destas gentes, agarrei na figura masculina, dando vida a um “Zé Lasca”, homem menino da Beira Alta e através dele fiz-me sentir pertença deste coração beiralino, arrebatando o prémio Feira de São Mateus/Cidade de Viseu. Tornei-me beirã...

Nunca deixei de escrever, escrever é tão importante para mim, como respirar...”

### **Maria Teresa Amaral Henriques**



Maria Teresa Amaral Henriques, 57 anos, dedica-se à cultura tradicional desde 1988. Então funcionária da Casa do Povo de Válega, propôs à Direção a criação de um grupo de folclore. A proposta foi aceite e iniciou o processo de recolhas.

Em 1989 estreou o referido grupo, inicialmente infantil, passando a adulto em 1996, com as crianças que se tornam jovens adultos.

O trabalho de recolhas é contínuo, tendo proporcionado a realização de exposições etno-folclóricas. A dada altura, devido ao desaparecimento de uma saia, que acabou sendo queimada pelos donos, tornou-se manifesta a necessidade de salvar todo o espólio na sede da Casa do Povo, de que entretanto era Presidente. Em 1996, foi criado o Museu Etnográfico de Válega, que se mantém aberto ao público, na Casa do Povo, onde são realizadas exposições, assim como o lançamento de pequenos livros sobre as temáticas da cultura tradicional que vai sendo mostrada.

Em 2001 fez formação em museologia e em 2005 o Museu foi remodelado, todas as peças registadas e fotografadas, contando com mais de 3.000 peças, todas doadas pelo povo da Vila e arredores. No Museu existe uma cozinha tradicional, que com a sua direção, é uma mais valia nas refeições que são servidas a quem quer regressar ao passado e viver uma experiência única.

O Grupo Folclórico mantém-se ativo, de que é responsável máxima, tendo agora uma Escola de Folclore que faz parceria com as escolas, para levar o folclore até às crianças. Realiza mensalmente o Mercado à Moda antiga, num espaço comercial, com sabores representativos do povo local.

Profissionalmente ligada ao setor do calçado e mãe de 4 filhos, Maria Teresa Amaral, a acabar a Pós-Graduação em Património Cultural Material e Imaterial, é um exemplo de dedicação às tradições culturais.



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

### Rancho Folclórico de Escalos de Cima



O Rancho Folclórico de Escalos de Cima (Castelo Branco) teve a sua primeira apresentação no dia 30 de Abril de 2011.

Este grupo tem por principal objetivo recolher, preservar e promover as tradições e heranças culturais que estavam em risco de desaparecer da memória local. Trabalhando sempre com esse objetivo procedeu a uma primeira recolha junto dos anciãos da aldeia, das “modinhas” que se cantavam e bailavam noutros tempos e que agora são repertório do rancho folclórico. No ano de 2012, as modinhas foram registadas no CD “Alma Escaleira”. Em Novembro de 2016 o Rancho Folclórico de Escalos de Cima foi considerado membro efetivo da Federação Portuguesa de Folclore. No ano seguinte procedeu a gravação em vídeo do trabalho “Alma Escaleira – 365 a Cantar”, com edição de DVD.

Neste grupo os elementos femininos têm um papel bastante ativo em todas as áreas, dando um grande contributo para a preservação das tradições e cultura da comunidade. Têm especial destaque os cânticos tradicionais como o Canto da Encomendação das Almas e o Canto das Três Marias, assim como as Chacotas a S. Pedro e o Cortejo das ofertas para ajuda da festa de S. Sebastião.

### **Rosa Nunes Antunes (Rosinha)**



Rosa Nunes Antunes nasceu no ano de 1932, em Burgos, Espanha.

Desde criança mostrou talento para cantar, nomeadamente o fado. Devido à Guerra Civil espanhola, a família, de origem portuguesa, regressa ao território nacional, nomeadamente à

Guarda. Após casar muda-se temporariamente para Lisboa tendo oportunidade de cantar na tradicional casa de fados Solar da Hermínia. De regresso às origens raianas, e após cantar no Orfeão da Guarda, Rosa Antunes integra o Rancho Folclórico da Guarda sendo uma das principais cantadeiras. Mais tarde, em 1975, cria o Conjunto Típico Rosinha tendo como principal objetivo divulgar as músicas e cantigas regionais. Em 2009, o Centro Cultural da Guarda prestou-lhe uma homenagem pelo seu trabalho em prol da cultura tradicional.

Em Novembro de 2018, foi homenageada pela Câmara Municipal da Guarda com a Medalha Municipal de Mérito – Grau Prata.

### **Palmira Gomes Almeida Mota**



Nasceu em Gouveia em 10 de Maio de 1923. Estudou em Lisboa onde conclui o curso do Magistério primário. Fixou-se em Seia em 1950 tendo dado aulas em Aldeia da Serra e posteriormente em Santiago. Sempre ligada à etnografia e ao folclore português, foi dirigente do rancho folclórico de Gouveia e posteriormente do rancho folclórico de Seia.

Ao longo dos anos produziu um excelente trabalho na recolha e divulgação dos valores culturais e tradicionais da região. O seu trabalho é reconhecido, por quem ao mais alto nível, está ligado à etnografia.

## Vozes de Manhouce



Em Manhouce (São Pedro do Sul), a música tradicional como que brota espontaneamente do alto daquelas serranias. Esta música já levou o nome de Manhouce aos quatro cantos do mundo. Esta música, religiosa ou profana, “nasceu” no feminino, praticamente em todas as regiões do país, com maior presença nas regiões Norte e Centro, pois são sobretudo as mulheres a cultivar o canto polifónico, a três vozes, que em Manhouce, são designadas por *baixo* (a voz mais grave e que serve de base para as restantes), *raso* (a voz intermédia e que serve para harmonizar o acorde) e *riba* (a voz mais aguda e que serve para embelezar a sonoridade do acorde).

A produção musical da tradição acompanhava as atividades do quotidiano da vida das pessoas, nomeadamente, o pastoreio dos gados, as ceifas, as malhas, as lavouras, entre outros trabalhos. O canto da tradição era passado, de forma natural, de geração em geração. Em 1938, foi formado um Grupo de Danças e Cantares de Manhouce. No ano de 1960, devido à emigração, o grupo de Danças ficou reduzido cultivando sempre a parte do canto, principalmente pelas mulheres. Em 1980, surge o Grupo Etnográfico de Trajes e Cantares de Manhouce que divulgou as cantigas de Manhouce, com uma vertente de acompanhamento musical e vozes masculinas e um coro maioritariamente feminino. Este grupo foi, também, um dos impulsionadores do canto a 3 vozes e sem acompanhamento instrumental. Atualmente, o



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

**CULTURA**

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

grupo Vozes de Manhouce conta com cerca de 20 elementos, com idades compreendidas entre os 10 e os 80 anos.